

## TRABALHO DE CURSO

# **O sertão do mundo em o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: contribuições para pensar a Educação do Campo**

Paulo Cesar da Costa

Jorge da Cunha Dutra

Abelardo Luz/SC, 2019

## TRABALHO DE CURSO

# **O sertão do mundo em o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: contribuições para pensar a Educação do Campo**

Trabalho de Curso – TC apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo, do Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

*Orientador:* Prof. Dr. Jorge da Cunha Dutra

Paulo Cesar da Costa  
Abelardo Luz/SC, 2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e  
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

C837s Costa, Paulo Cesar da  
O sertão do mundo em o Grande Sertão: Veredas,  
de Guimarães Rosa: contribuições para pensar a  
Educação do Campo / Paulo Cesar da Costa; orientador  
Jorge da Cunha Dutra. -- Abelardo Luz, 2019.  
13 f.

Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense,  
campus Abelardo Luz, Especialização em Educação do  
Campo, Abelardo Luz, 2019.

1. Conteúdo elíptico. 2. Povos do campo. 3.  
Estilo acintoso. I. Dutra, Jorge da Cunha. II.  
Instituto Federal Catarinense. Especialização em  
Educação do Campo. III. Título.

## **BANCA AVALIADORA**

Prof. Dr. Jorge da Cunha Dutra – Orientador

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marluse Castro Maciel

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

Prof. M<sup>o</sup>. Elodir Lourenço de Souza

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

## O sertão do mundo em o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: contribuições para pensar a Educação do Campo

Paulo Cesar da Costa<sup>1</sup>

Jorge da Cunha Dutra<sup>2</sup>

Resumo: O romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa se constrói como a narrativa de um espaço em litígio, aonde encontram-se aqueles que não conseguiram participar dos benefícios trazidos pelo o progresso, que não abrangeu a todos. No espaço de uma derrota, entretanto, a voz dos vencidos faz-se notar, como um acinte irreversível, por aquilo que eles calam, silenciam e pelo o que prometem. Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é o de delinear elementos teóricos para a compreensão do componente esotérico da obra *Grande Sertão: Veredas*, que chamaremos de estilo acintoso. Com isso, pretendemos aferir características artísticas da obra em questão e sua relevância para a chamada educação do campo. Como metodologia, utilizamo-nos da pesquisa bibliográfica. Como considerações finais, concluímos que a obra retratou ao seu modo um Brasil em transição, mas soube captar as peculiaridades daquele universo sertanejo, tornando-o, um retrato aproximativo da derrota em curso já naqueles anos 1950, em pleno desenvolvimentismo. Com isso, é ainda um retrato realista e instigante das virtualidades de uma nação na periferia do capitalismo, como tem sido a nossa nação.

Palavras-chave: conteúdo elíptico, povos do campo, estilo acintoso.

Abstract: The novel *Grande Sertão: Veredas* (wryte by Guimarães Rosa), builds itself as the narrative of a space in litigation, where there are those who did not manage to participate in the benefits brought by the progress, which did not encompass all. In the space of a defeat, however, the voice of the vanquished is noted, as an irreversible defiantly, by what they shut, silence, and for what they promise. In this sense, the general objective of this work is to delineate theoretical elements for the understanding of the esoteric component of the *Grande Sertão: Veredas*, which we will call the greyish style. Thus, we intend to measure artistic characteristics of the work in question and its relevance to the so-called field education. As a methodology, we used the bibliographic research. As final considerations, we conclude that the work portrayed in its way a Brazil in transition, but knew how to capture the peculiarities of that universe, making it, an approximate picture of the current defeat already in those years 1950, in full developmentalism. With this, it is still a realistic and instigating portrait of the virtualities of a nation on the periphery of capitalism, as has been our nation.

Keywords: elliptical content, Field peoples, greyful style.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o romance de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001), sob a ótica da crítica literária, voltada para a obra referida, bem como da que se

---

<sup>1</sup> Autora do presente Trabalho de Curso - TC. Licenciado em Educação do Campo, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras, pela Universidade de Brasília (UnB). Acadêmico no Curso de Especialização em Educação do Campo pelo Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz. E-mail: paulo.patrialivre@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador do presente Trabalho de Curso – TC. Licenciado em Pedagogia (FURG) e em Filosofia (UFPel). Mestre e Doutor em Educação (UFPel). Professor de Filosofia do Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz. E-mail: jorge.dutra@ifc.edu.br

ocupa parcialmente em relação a obra, isto é a chamada crítica de conjunto. É uma abordagem crítica que busca elucidar o que estamos chamando de conteúdo elíptico. O referido conteúdo, é mencionado por Candido (2000) e por Schwarz (2012), ambos aqui tomados como autores da crítica de conjunto, embora não sejam estes limitados a ela.

O objetivo do presente Trabalho de Curso - TC é o de delinear elementos teóricos para a compreensão do componente esotérico da obra *Grande Sertão: Veredas*, que chamaremos de estilo acintoso. Com isso, pretendemos aferir características artísticas da obra em questão e sua relevância para a chamada educação do campo.

A cultura propriamente esotérica, e a chamada crítica esotérica, são mais um elemento da cultura hoje presente na cidade, que se estende para o mundo rural através dos meios de difusão, e persiste de algum modo como um elemento da civilização urbana. Procuramos abordar a narrativa do romance, ambientada no sertão nordestino, mas, sem deixar de lado o aparato teórico que lida com os temas presentes no romance, em especial, a que trata do mesmo. Por outro lado, reconhecemos nossa preferência pela corrente hoje chamada de crítica literária dialética (BASTOS; ARAÚJO, 2011) sendo reconhecida assim pelos pesquisadores da crítica literária recente, e sendo reconhecidamente tradicional, neste viés de pesquisa. A escolha do corpus teórico respeitou semelhanças de abordagens, buscando com isso estender a análise para outras áreas, quais sejam, para o ensino de literatura e o intercâmbio teórico com a filosofia. Daí termos mencionado teóricos filósofos e pesquisadores casuais de filosofia como Bastos (2012). Sua análise foi aqui privilegiada por encontrarmos maior convergência de temas, e maior pertinência para a argumentação necessária a análise, no sentido em que se desenvolve a crítica literária nesta perspectiva.

A metodologia de pesquisa utilizada em nosso trabalho está relacionada a pesquisa bibliográfica, tomando por base o próprio viés do assunto, que é multifacetado e conserva certas virtualidades. Para Appolinário (apud DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2014), a pesquisa bibliográfica restringe-se a determinado tema, ou à abordagem de determinado contexto teórico, caso aproximado ao nosso propósito. Ainda a respeito da pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2003, p. 158) salientam que a mesma é definida como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Buscando estabelecer uma relação com a obra a ser estudada no presente Trabalho de Curso, observamos que no texto de Antonio Candido sobre a produção de José Lins do Rego,

intitulado *O observador literário* (CANDIDO, 2004), o referido autor fala sobre a paisagem nos romances de Rego. Diz Candido (2004, p. 35) que “o gosto pelo universo colorido e pastoso da terra suscitou, no romance de José Lins do Rego, como na sociologia de Gilberto freire, uma destruição de barreiras entre o quadro geográfico e o grupo humano” e agrega: “Deu lugar a uma compenetração de ambos, como se a consistência pegajosa do barro, tantas vezes evocado, servisse para receber a marca do homem, deixando neste, reciprocamente, a sua cor e a pesada volúpia que associamos a ideia de viscosidade” (CANDIDO, 2004, p. 35).

A volúpia aludida, mais do que uma sensação, é um dado objetivo, que se estende aos personagens. Em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001), temos algo semelhante. O narrador adianta-se nos fatos, apresentando trechos que só posteriormente se completam, elucidando dúvidas, antecipando reações do ouvinte. A derradeira batalha do Tamanduatão é aludida a certa altura, fatos são antecipados, mas ao leitor é dado a saber o desenrolar dos mesmos, apenas parcialmente. Uma desgraça parece estar sendo narrada, uma infelicidade, um erro fortuito é aludido. A sensação percebida é a de que o erro, a despeito de sua eminência, pode estar no futuro, e pode estar no passado, daí o ilusionismo da narração. Este procedimento não é exclusivo do referido romance. Já aparece em outro escritor, já comentado por mim em outro trabalho, a propósito, sobre o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (COSTA, 2014).

Aqui, entretanto, é possível notar o viés esotérico como uma característica do discurso. Neste viés, o narrador encaminha o olhar privilegiado do leitor, e dos personagens, na medida em que direciona a temática para uma exegese nada convencional, fundada, a nosso ver, no próprio estilo acintoso da narrativa. Assim, o texto se constrói entre o decorativo e o estilo acintoso, desenvolvendo o acidental como algo pensado, virtuoso por excelência. Para Bastos (2012), o elemento acidental, quando abandonado a si mesmo, é uma simples rede de causa e efeito, inexorável, tal como o acaso. Este tema é abordado amplamente pela filosofia, em escritores como Lukàcs (1967) e Rosa (2014). Segundo Rosa (2014), na natureza e na vida em geral, e na história pregressa, imperam as leis naturais de causa e efeito, que não podem ser alteradas, nem anuladas pelas virtudes humanas. No cotidiano, esta dimensão é naturalizada por força do hábito e o homem comum convive com ela, sem contrapô-la. Na arte, entretanto, há uma contraposição a esta rede de causalidade, isto é, ela não é anulada, passa a fazer parte de um mundo cuja lógica é necessária e os elementos acidentais são dimensionados conforme uma realidade social significativa.

Neste sentido, para melhor sistematizar o presente TC, organizamos o mesmo nas seguintes seções: a primeira é uma apresentação do enredo narrativo de *Grande Sertão: Veredas*, com apontamentos críticos sobre as características do enredo. Na segunda seção faz-se uma apreciação crítica da obra e uma abordagem do cenário educacional recente em relação às políticas educacionais oficiais, no Brasil, previstas para a Educação do Campo. Em seguida, retomamos a análise do romance abordado, para concluir o presente texto.

## 1. Um breve resumo e análise da obra

A obra *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001) é matéria de variados estudos, alguns voltados para o viés literário, comumente privilegiando o seu aspecto filosófico, ainda que sejam alguns dos mesmos analisados a partir do olhar da crítica literária. Neste modo de abordagem, temos uma publicação de Uteza, intitulado *Metafísica do Grande Sertão*<sup>3</sup>. Com a leitura voltada para a crítica, temos a tese de Corpas (2014), o artigo de Hazin (2009) e comentários diversos de artigos acadêmicos como os de Bastos (2012), entre outros. Aqui nos valeremos de estudos diversos, a maioria dos quais ligados a crítica literária, acrescentando os comentários sobre o romance de Guimarães Rosa.

Ao ler o romance, de entrada, o leitor se previne de que está diante de uma narrativa em primeira pessoa, de cujo narrador sabemos do breve passado na fazenda do São Gregório, sob a proteção do padrinho, fazendeiro e saudosista, Selorico Mendes. No limiar da narrativa, se entrevê um personagem volúvel, ainda que austero, Riobaldo, contando a história de sua trajetória como jagunço, e, posteriormente, de seu bando, sob o apelido distintivo “urutú-branco”.

A fala do urutú-branco, o Riobaldo, é entrecortada por interpelações que indicam um segundo personagem, ligado aos outros apenas pela condição de ouvinte, e de possível interessado na história. Este interesse, torna a trajetória do narrador um tanto dúbia, pois é marcada pelo acinte. Deste interlocutor, personagem secundário, ainda sabemos possuir uma caminhonete e um caderno aonde anota vez por outra as informações do narrador.

A situação que pretendemos abordar é a cena em que o sadismo é indecoroso, revestido de certa comicidade proposital. Nesta, o humor piegas, faz choça do *happy hour*, a maneira de um pícaro, que se impõe pela pujança da matéria narrada. O registro da oralidade presente na

---

<sup>3</sup> Tenho conhecimento da importância da respectiva obra, porém não tive acesso ao livro para lê-lo.

obra não deve obliterar, entretanto, o seu conteúdo estético que em nada se confunde com esta, e vai além do abstrato chegando mesmo ao imaterial, o que leva a uma espécie de conteúdo oculto, ou implícito. Precisemos melhor a que estamos nos referindo: o assunto referente aos “crimes”, na obra *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001), vem enriquecer o ambiente, acintoso por excelência. Riobaldo afirma em certo momento da narrativa, que “atira bem”, indicando ao ouvinte ter boa pontaria, e atirar com parcimônia, mas ao leitor, a afirmação resta um pouco intempestiva e é de se perguntar: por que tanta contundência, já que se trata de um jagunço? As sucessivas afirmativas do narrador vão pelos ares, entretanto, quando o narrador relata o episódio da morte do Garanço, deixando o interlocutor desconfiado. Afinal, o ouvinte é interessado na história, ou é tanto parte dela como o narrador?

Antes de contar a batalha no qual Garanço aparece em combate, Riobaldo, nos dá uma confissão detalhada da história do mesmo. Assim diz ele a respeito de Garanço: “[...] já estava acostumado com eu e Diadorim sermos dois, e ele querer ser o três” (ROSA, 2001, p 199), indicando o interesse de Garanço por Diadorim. A ordem dos fatos, ao que tudo indica, leva a culpa de Riobaldo, ele afirma ter saído sem nenhum dolo, entretanto, perpassa por todos os episódios o clima de “coisa pensada”, indícios de um homicídio. Vejamos como o personagem relata o ápice da referida batalha: “Aí, eu estava escutando. Eu olhei. Olhava para as costas do Garanço, ela, a mancha, estava ficando de outra cor... O suor vermelho.... Era sangue! Sangue que empapava as costas do Garanço e eu entendi demais aquilo” (ROSA, 2001, pp. 230-1).

Perceba, neste trecho, o personagem parece se antecipar aos pensamentos do leitor, e continua:

O Garanço parado quieto, sempre empinado com a frente do corpo, semelhante que o cupim ele tivesse abraçado. A morte é curisco que sempre já veio. Ânias ao em que bola me vinha goela arriba, do arrocho grosso, imposto, que às vezes em lágrimas nos olhos se transforma. A bobagem... (ROSA, 2001, pp. 230-1).

A passagem é digna de uma transação banal assim como são outras, contadas laconicamente, pelo narrador. Informações vindas em horas incertas, tudo configurando um ambiente reticente e voraz, que tende a dissolver-se na representação do cotidiano e do tempo saturado (BASTOS, 2012). Disso, decorre a sensação de mistério dada pelo estilo acintoso da narrativa. Por outro lado, há o aspecto viscoso, evocado na narrativa do trecho acima citado, que se confunde com os personagens narrados. Não obstante o aspecto grave da paisagem, seu

reflexo pegajoso, de certo modo, sublimado e opaco, até certo ponto, cessa momentaneamente desfazendo-se em episódios eivados de picardia.

Um momento em que tal comicidade se repete, vem na cena em que Riobaldo narra o pitoresco episódio do delegado e seu assistente. Uma das laudas do delegado cai próximo a Riobaldo, ele a toma e a entrega nas mãos do delegado. Este, não se presta a agradecer, o que leva Riobaldo a recordar-se do profanado sadismo do delegado, que pisava nos pés dos presos por pura troça. Lembremos o trecho, que é breve. Ei-lo:

Uma hora, uma daquelas laudas caiu - e eu me abaixei depressa, sei lá mesmo por quê, não quis, não pensei - até hoje crio vergonha disso - apanhei o papel do chão e entreguei a ele. Daí, digo: eu tive mais raiva, por que fiz aquilo; mas aí já estava feito. O homem nem me olhou, nem disse nenhum agradecimento. Até as solas dos sapatos dele - só vendo - que solas duras grossas, dobradas de enormes, parecendo ferro bronze. Por que eu sabia: esse Jazevedão, quando prendia alguém, a primeira quieta coisa que procedia era que vinha entrando, sem ter que dizer, fingia umas pressas, e ia pisava nos pés descalços dos coitados. E que nestas ocasiões dava gargalhadas, dava...Pois, osga! Entreguei a ele a folha de papel, e fui saindo de lá, por ter mão em mim de não destruir aquele sujeito (ROSA, 2001, p. 34).

O conteúdo oculto, que mais acertado seria chamarmos de elíptico de natureza imaterial, é mencionado por Roberto Schwarz no texto *Um minimalismo enorme* (SCHWARZ, 2012), ao analisar a poesia de Francisco Alvim, intitulada *O elefante*. Pretendemos esclarecer o significado deste aspecto imaterial, que associamos ao conteúdo externo da obra literária. Cabe neste aspecto, delimitarmos melhor este conteúdo. Para Schwarz (2012), este está relacionado às relações entre norma e informalidade.

Encontramos eco desta questão, nas asserções de Bastos (2012), no seu texto sobre Juan Rulfo. Para ele, a narrativa de Pedro Páramo, no que tange a sua matéria, seu conteúdo temático, trata-se a seu ver, do espaço de uma derrota, transmutado em tema no romance. Em outros termos, Hermenegildo reflete sobre a derrota aí representada. Ela faz-se notar, tanto para os personagens centrais, quanto para os personagens secundários, pois todos estão envoltos no clima fantasmagórico. Hermenegildo aponta a função de obras como estas, cujas cenas denunciam a degradação de classes inteiras, aviltadas e marginalizadas pelo progresso tecnológico.

O perigo aí existente, nas palavras de Hermenegildo, é o de se retornar a fases já superadas do desenvolvimento da humanidade, isto é, o perigo da organização social deteriorar, e retroceder. Riobaldo, o personagem narrador, se depara com o povoado do Pubo, aonde fala-

se uma língua arcaica e as relações não são mediadas pelo dinheiro. A moeda apresentada pelos habitantes dali são moedas de tempos remotos, indícios de uma economia estagnada, e de degradação da vida. Neste espaço, o dinheiro se acumula, causando o entesouramento. São várias as passagens de obras regionalistas, em que ocorre o acúmulo de dinheiro, e com isso, a cessação da circulação das mercadorias. Os caudos de tesouros escondidos são comuns no interior, entretanto, Guimarães Rosa não dá o paço até o maravilhoso ou mágico, como fizeram muitos escritores da sua época, tais como José J. Veiga, e posteriormente, Gabriel Garcia Marques. Por outro lado, não cremos que haja na obra uma visão escatológica dos fenômenos narrados, conforme afirmamos todas as visões religiosas, e mesmo as passagens insólitas, se dissolvem no humor engenhoso do narrador Riobaldo.

Retomando a obra de Guimarães Rosa, em determinado trecho, o narrador Riobaldo fala do “estilo do acinte”: “A razão de Diadorim era do estilo acinte” (ROSA, 2001, p. 53). Relacionamos a este estilo acintoso, as cenas narradas por Riobaldo, em que os personagens aparecem imobilizados, tolhidos pela morte que lhes subtrai a humanidade, descaracterizando-os, como sucede a Garança e ao Montesclarence. Para Riobaldo, a história não pode ser desprovida de um final sustante, ele não concorda com a maneira de pensar de Diadorim, mas também não pode desmentí-lo. A lógica do acinte a todos alcança e parece ter o seu nexo obliterado pela visão dos personagens. Ao leitor, entretanto, é dado participar de um privilégio que não é o das personagens. Estes, estão impedidos de ver o próprio destino, padecem seus infortúnios sem contrapô-los, mas, o leitor, adivinha seus próprios sortilégios, e não apenas padece-os.

Vem, a propósito, aqui, um tema que parece ser latente em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001): a cosmovisão esotérica dos personagens. São várias as narrativas em que a visão de mundo religiosa aparece na história narrada, denotando uma certa cosmovisão, que não é a do escritor, e não é a de todos os personagens seguramente. Hermenegildo Bastos nos deixa algumas pistas para interpretarmos a referida cosmovisão. O autor esclarece-nos sobre a obra literária, sobre sua hermenêutica vista como acinte. Diz o autor: “O acinte está em que a literatura é também uma forma de conhecimento” (BASTOS, 2012, p. 15). Por ser também força produtiva, e, como forma de conhecimento que é, a literatura é também parte da ameaça que tematiza em suas histórias. Daí o porquê do chamado “estilo acinte” de que fala o personagem Riobaldo.

## 2. Análise da obra e sua relação com a Educação do Campo

Num de seus escritos sobre literatura, na obra intitulada *O estudo analítico do poema*, Candido (1996) associa a linguagem poética aos povos do campo, cuja fala, expressa em forma de metáforas, corresponde a uma etapa do desenvolvimento da literatura. A literatura, por sua vez, é um dado simbólico constitutivo de um povo, de uma nação. Em *Formação da Literatura brasileira*, o autor explica. Para que haja literatura, é necessária a interação de três fatores, quais seja o público, um veículo simbólico e os autores. A evolução das ideias em uma nação depende por sua vez, da interação destes fatores. No texto intitulado *Literatura e Subdesenvolvimento*, Antonio Candido menciona algumas lacunas que podem ocorrer, quando há falha de um destes três fatores, como, por exemplo, pode ocorrer o anacronismo, uma defasagem das obras num contexto de atraso econômico e cultural, nas nações subdesenvolvidas (CANDIDO, 2000).

É notório, por outro lado, o jogo de ilusionismo sempre atualizado na apropriação das camadas esclarecidas em relação aos povos do campo, principalmente, em relação àqueles que subsistem à margem do progresso. Na obra que tomamos como tema, não cremos haver nela uma visão segregacionista em relação a estas camadas sociais que estão a margem do progresso. Há sem dúvida a visão da classe dos proprietários, mas não deixa de aparecer também, as aspirações dos camponeses, ao serem retratados em algumas passagens do romance certos camponeses, como representantes de uma classe abastada, propulsora do progresso econômico. Não é este o único romance em que a perspectiva desenvolvimentista é confrontada com extratos aparentemente atrasados da sociedade. No romance *Ana Karenina*, de Tolstói (1979), também o nobre Lievin contempla, ao pernoitar na casa de um camponês abastado, a pujança daquele modo de vida, à qual, hoje, somente encontraríamos correspondente nas propagandas de crédito rural, já que o próprio conceito de camponês hoje já não figura nos veículos oficiais de informação e representação.

Vem a propósito aqui, fazermos um breve adendo, para melhor compararmos os assuntos aqui tratados. Façamos um recuo para a atualidade. O movimento educacional ocorrido no campo brasileiro, envolvendo os movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e outros, resultou em diversas ações por parte do poder público. O decreto presidencial nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 (BRASIL, 2010), institui diretrizes para a política de Educação do Campo e cria, entre outras medidas, uma comissão pedagógica vinculada ao Conselho Nacional de Educação, tendo como integrantes, profissionais ligados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA,

definindo como populações do campo os povos tradicionais, ribeirinhos, caboclos, os acampados e assentados da Reforma Agrária, entre outros. O referido decreto ainda não foi revogado e apresenta-se em inteira vigência, tendo sido instituído pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, à época em mandato na presidência da república.

O decreto vem solidificar as duas décadas anteriores de reivindicações dos movimentos sociais do campo por uma legislação que atendesse o que se anunciava já na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em que se definiu a necessidade de adaptação para a educação das populações rurais brasileiras (BRASIL, 1996, art. 28). O decreto nº 7.352/2010 (BRASIL, 2010) não se limita a educação básica, uma vez que cita o acesso à educação superior, na modalidade de alternância, destinando ao Ministério da Educação a responsabilidade por criar diretrizes pedagógicas voltadas para as especificidades da educação nas escolas do campo.

A chamada Educação do Campo é, entretanto, um campo de disputas políticas mais amplo do que a educação em si. Nos primeiros esforços se enfatizou que a educação era “do campo” e não “para o campo”, justamente por entenderem o protagonismo dos povos identitários ligados ao campesinato e aos movimentos sociais dele derivados, como é o exemplo do MST. Este decreto vem na esteira de um movimento amplo que deu vida a diversos pareceres aprovados na primeira década do presente milênio, pelo Conselho Nacional de Educação, que instituíam e direcionavam ações em torno da educação em áreas rurais, adotada pelos órgãos públicos pelo denominativo de *educação do campo*. No entanto, o atendimento as populações rurais, no que tange a educação, ainda enfrenta empecilhos significativos se considerarmos que a escola ainda é conhecida e contemplada, predominantemente, na sua forma urbana, sendo a escola do campo muitas vezes considerada como um imbróglio operacional para os representantes do poder público. A educação do campo, para ser considerada direito constitucional e para cumprir com seu papel e se universalizar, deve ainda enfrentar os limites históricos estruturais e governamentais em cada contexto de luta. As populações rurais ainda estão relegadas a políticas paliativas, momentâneas e, muitas das vezes, insuficientes.

Mesmo assim, cremos que os setores organizados do campo obtiveram, no período recente, importantes conquistas, sobretudo nas áreas de educação e na área social. Retornemos agora, a análise, para as considerações finais.

### 3. Considerações finais

É possível notar, entretanto, certa recorrência quase que obsessiva de Riobaldo pela profanação da sua própria experiência. Para o leitor já familiarizado com estes personagens, o receio descabido dos mesmos é compensado noutra nível pelo desenlace em que o algoz sofre o mesmo destino das vítimas, sem deixar de gabar-se, entretanto, de perfazer um caminho sui-gêneris. O espaço da derrota é narrado a maneira de causos; aí se encontra o narrador e seu interlocutor não nomeado. A derrota pode estar por vir, mas o narrador prefere situá-la no passado, remetendo o leitor ao universo intratextual, reticente e infinito ao seu modo. O universo romanesco de Guimarães Rosa é tratado pela crítica, por nós consultada, como um aspecto do aprofundamento do regionalismo, sendo uma obra universal em sua abrangência artística.

Vemos que o componente esotérico mencionado por nós é confrontado pela própria forma da obra e se constrói em forma de causos, aonde convive a visão religiosa e as previsões que se cumprem. Entre estas está a própria narrativa. O sentido daquilo que se cumpriu está de algum modo aí para ser redescoberto cotidianamente. Riobaldo procura por este sentido, ele pergunta, peremptoriamente, em certo momento, como se estivesse perguntando-nos “e nós?”, ao que responde o comparça Jõe Bexiguento “Nós vive.”. Indica ao leitor, talvez, de que é preciso revisitar os lugares imaginados para revivê-los, e nisto está o sentido das coisas que narra. Saber que “algo se cumpriu” é talvez o maior benefício para a educação do campo e a arte é um lugar privilegiado para descobrir novos e velhos caminhos; e ver que eles estão aí para serem trilhados, com passos firmes.

Acreditando a seu modo na educação do homem rural, o autor de *Grande Sertão: Veredas* criou um personagem jagunço que é também o “professor Riobaldo”, de caráter emblemático, por sua típica representatividade. A obra *Grande Sertão: Veredas* retratou ao seu modo um Brasil em transição e soube captar as peculiaridades daquele universo sertanejo, tornando-o um retrato aproximativo da derrota em curso já naqueles anos 1950, em pleno desenvolvimentismo. Com isso, é ainda um retrato realista e instigante das virtualidades de uma nação na periferia do capitalismo, como tem sido a nossa nação.

### Referências

BASTOS, Hermenegildo. **As artes da ameaça**: ensaios sobre literatura e crise. São Paulo: Outras expressões, 2012.

BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana (Orgs.). **Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética**. Brasília: UnB, 2011.

BRASIL. **Decreto nº. 7.352/2010**: Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, 04 nov. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm)>. Acesso em: 12 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/1996**: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 10 maio 2019.

CANDIDO, Antonio. **O observador literário**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH / USP, 1996.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis Corrêa; CASTRO E COSTA, Deane Maria Fonceca de; SOUSA, Germana Henrique Pereira de (Orgs.). **Literatura e História: Questões dialéticas da produção literária em nação periférica**. Brasília: Centro de estudos em Educação, Linguagem e Literatura / Grupo de Pesquisa Literatura Modernidade Periférica, 2009.

COSTA, Paulo Cesar da. **Poesia, paisagem e realidade em *Vidas Secas***. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades. **Acervo Digital UNESP**. UNESP, 6 jun. 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306>>. Acesso em: 03 maio 2019.

LUKÁCS, Georg. **Estética**. Tomo II. Barcelona/México: 1967.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROSA, Daniele dos Santos. **Poesia e história em Pedro Páramo, de Juan Rulfo**. (Tese de Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas**. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

TOLSTÓI, Leon Nikolaievitch. **Ana Karênina**. Tradução de João Gaspar Simões. São Paulo: Abril Cultural, 1979.